

## A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES SOBRE A DESIGUALDADE DE GÊNERO EM CURSOS DO ENSINO SUPERIOR EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO DA ZONA DA MATA MINEIRA

Rodrigo Carlos de Oliveira Alves<sup>1</sup>  
Daniela de Fátima Martins Raimundo<sup>1</sup>  
Sirlon Martins da Silva<sup>2</sup>  
sirlonsemiotica@hotmail.com

**Área de conhecimento:** Ciências Humanas

**RESUMO:** Muitas foram as conquistas da mulher na contemporaneidade, sobretudo no mercado de trabalho. Estas conquistas refletem-se também nos cursos superiores. Mas ainda há desigualdades no mercado de trabalho entre a mulher e o homem. Este trabalho investiga se, no ambiente da formação superior, na perspectiva do discente, esta desigualdade persiste, tendo como objetivo analisar como a presença feminina é percebida nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Agrônômica e Medicina Veterinária de uma instituição de ensino superior privada da zona mata mineira. Tal trabalho justifica-se pela necessidade de conhecer e conscientizar a respeito das desigualdades de gênero que ainda persistem em nossa sociedade. Por meio de pesquisa com formulário eletrônico distribuído em plataformas de redes sociais utilizando a metodologia bola de neve, foram entrevistadas 50 acadêmicas, apresentando como principal resultado, que a presença feminina através da percepção do corpo discente é definida, em sua maioria como “boa”, seguida da resposta “ruim” e “ótima”.

**Palavras-Chaves:** Ensino Superior; Desigualdade de Gênero; Feminina; Discente.

### 1. INTRODUÇÃO

O século XXI apresenta possibilidades de novo olhar para o ser mulher. Trata-se de um olhar diferente de décadas passadas, período no qual as mulheres sofriam com a negação de vários direitos enquanto cidadãs, como o direito ao voto, por exemplo. Na contemporaneidade, muitas foram as conquistas da população feminina em diversos segmentos, como educação, mercado de trabalho, entre outros. No

---

<sup>1</sup> Acadêmicos de Psicologia da Faculdade Vértice – Univértix – Matipó MG

<sup>2</sup> Psicólogo. Especialista em Educação. Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó MG.

ensino superior não seria diferente, as mulheres são a maioria. Dados do Censo da Educação Superior de 2016, última edição do levantamento, revelam que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação. No Censo da Educação Superior de 2006, as mulheres representavam 56,4% das matrículas em cursos de graduação (INEP, 2016).

Entretanto, segundo Gandra (2018) mesmo as mulheres sendo a maioria nos cursos de graduação e a maioria com ensino superior completo, as mulheres ainda enfrentam desigualdade no mercado de trabalho em relação aos homens, ganhando menos, apesar de estarem se qualificando mais e exercendo as mesmas funções. Mostra-se necessário entender se esta desigualdade ocorre também durante o processo de formação, ou se a desigualdade de gêneros é uma prática apenas do campo profissional.

Na contemporaneidade, nota-se que, tanto no âmbito educacional quanto profissional, a presença feminina vem se destacando e se encontra em quase todos os cursos de nível superior, curso que eram vistos como tipicamente masculinos, como engenharia civil, medicina veterinária, educação física, engenharia mecânica, entre outros, vem ganhando a presença feminina. Mas como a mulher é vista neste ambiente tradicionalmente masculino?

Esse trabalho tem por objetivo geral analisar como a presença feminina é vista/percebida nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Agrônômica e Medicina Veterinária de uma instituição de ensino superior privada da zona mata mineira na percepção do corpo discente.

Considerando o cenário atual do mundo trabalho e as projeções midiáticas sobre a discriminação da mulher, o tema se mostra relevante, visto que mesmo com todos direitos de igualdade adquiridos, com muitas dificuldades ao longo da história, ainda hoje a desigualdade de gênero promove situações desagradáveis e prejudiciais ao cotidiano da mulher.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Breve Histórico da Inserção da Mulher no Ensino Superior**

Segundo Queiroz (2001), o ingresso da mulher no ensino superior no Brasil ocorre tardiamente, nas últimas décadas do século XIX. Sua pesquisa aponta que o

primeiro diploma de ensino superior para uma mulher foi concedido em 1887, a uma médica da Faculdade de Medicina da Bahia,

A presença de mulheres em carreiras tidas como tradicionais só começa a ocorrer na Região Sudeste a partir da década de 1940, embora em profissões como Direito, Medicina e Engenharia, na Bahia, a presença feminina se faz expressiva já na primeira década do século XX (QUEIROZ, 2001).

Ricoldi e Artes (2016) mostram que as transformações sociais promovidas pelo pós guerra, a partir da década de 1960, dão à mulher um novo espaço além do doméstico, levando ao crescimento da presença feminina no ensino superior como uma tendência mundial.

Na década de 1970, no Brasil, a presença feminina no ensino superior era em torno de 40%, mas essa taxa era extremamente expressiva em cursos considerados culturalmente como mais apropriados à mulher, como curso de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (QUEIROZ, 2001).

Com a valorização da educação pela Constituição de 1988 como instrumento para diminuir as desigualdades econômicas, somado ao número considerável de mulheres que conseguem, nesse período, concluírem o segundo grau, a presença feminina no ensino superior se consolida (QUEIROZ, 2001, GUEDES, 2008)

Para Guedes (2008), embora nas últimas três décadas do século XX a mulher tenha se consolidado nas profissões que a autora aponta como “profissões de cuidado”<sup>3</sup>, não se pode ignorar o fato de, no ano de 2000, as mulheres universitárias formadas representarem o percentual de 30% em praticamente todos os cursos, com exceção de Agronomia e as Engenharias.

O avanço das instituições de ensino superior privadas e da educação à distância no início do século XXI viabiliza ainda mais o ingresso da mulher no ensino superior, que hoje representam 56,4% das matrículas em cursos de graduação (INEP, 2016).

## **2.2 Cursos Considerados do Público Masculino e Feminino**

Segundo Lemos et. al (2005) algumas mulheres relatam naturalidade ao ingressar no mercado de trabalho, mas ainda a vida profissional feminina ocupa lugar

---

<sup>3</sup> Refere-se a profissões com exercício ligado ao magistério, como Letras, Filosofia, Ciências Humanas e outras licenciaturas (GUEDES, 2001)

substituto na evolução de formação de identidade feminina, onde a vida doméstica fica mais em evidência onde ela precisa estar dedicada a casa e aos filhos. Quando a mulher não consegue conciliar esses dois aspectos da sua vida, ela opta ou pela diminuição da carga horária ou pela saída do mercado de trabalho. Portanto, a escolha de uma profissão para a mulher é uma tarefa extremamente difícil, pois para esse processo ela precisa considerar a expressividade ao lidar com outro, a interdependência, e as características que são consideradas como femininas. Tal fato leva, muitas vezes, a considerar profissões do público feminino, aquelas voltadas ao cuidado do outro, menos valorizadas pelas que são consideradas masculinas.

Já em relação aos homens, os autores destacam que o papel do trabalho masculino está voltado a produtividade, ao desempenho e ao sucesso profissional. A imagem profissional masculina está vinculada ao treinamento para a independência, nesse sentido o significado de ser homem está voltado para a busca incessante de reconhecimento e recompensa que está voltada tanto para as atividades escolares, esforços físicos, desempenho no campo sexual, e ao êxito o campo profissional quando adulto. Os autores destacam que “a necessidade, às vezes compulsiva, de prestígio social torna-se uma barreira para o desenvolvimento de relações pessoais de intimidade e solidariedade autênticas”. (LEMOS et. al p 129, 2005)

De acordo com Oliveira (2016) homens e mulheres são marcados pelos preconceitos e representações profissionais impostos pela sociedade, e a partir dessas representações acabam por escolher um respectivo curso superior. Essas representações profissionais são enaltecidas por um discurso seletivo, que acaba designando uma identificação dos papéis onde cada sexo deveria exercer, assim produz relações de desigualdade de poder e estereótipos machistas de gênero. Para que se tenha uma sociedade igualitária das relações profissionais é necessário refletir sobre a proximidade digna entre os sexos.

### **2.3 Questão de Gênero nas Profissões**

#### **Engenharia Civil**

Segundo QUEIROZ; CARVALHO; MOREIRA, (2014) apud MORAIS (2016) os dados divulgados em 2011, pelo INEP, mostram que no Brasil é de grande importância enfrentar a problemática das relações de gênero na educação formal. Os dados

revelam que as mulheres estão matriculadas, em sua maioria, em cursos das Ciências Sociais, Humanas e Saúde, e os homens, quase exclusivamente, nas Ciências Exatas e Tecnologias, historicamente as que apresentam mais prestígio social e salários superiores.

Devido a sua origem e seu campo de atuação, a Engenharia ficou mais conhecida como uma área do conhecimento em que a presença masculina é maior. (SARAIVA, 2008 apud MORAIS 2016)). Diante disso BAHIA e LAUDARES (2012) apud MORAIS (2016) acredita que uma justificativa possível para a engenharia ser vista como uma área tipicamente masculina, seria devido a essa área do conhecimento ter surgido no Brasil com o intuito de atender a arte militar.

Apesar da presença feminina ter aumentado na Engenharia Civil, elas ainda acabam atuando em determinadas áreas apenas, como por exemplo, planejamento e desenvolvimento, segundo o CREA-SP (SÃO PAULO, 2012 apud MORAIS 2016).

Essa informação do CREA é confirmada com afirmação de Lombardi (2006), dizendo que mesmo os cursos de formação em engenharia têm criado condições para a entrada das mulheres, todavia, elas acabam ocupando posições no mercado que demonstram ser restritas à determinadas atividades, consideradas menos duras.

### **Medicina Veterinária**

De acordo com o CRMV (2016) como em diversas profissões, a inserção da mulher foi lenta e gradual para conquistar seu espaço na medicina veterinária. A sociedade, com sua rigidez e seus preconceitos enraizados, mostrou resistência à inclusão do gênero feminino em diversas áreas, entre elas as escolas de ensino superior.

Segundo um estudo feito pela *Lancaster University Management School* e pela *Open University Business School*, no Reino Unido, e publicado na revista científica *Veterinary Record*, em 2019, mostrou que as medicas veterinárias encaram discriminação e ocupam menos cargos de topo na medicina veterinária (COSTA, 2020).

Em 2001, pela primeira vez, se formaram mais mulheres do que homens nos cursos de Medicina Veterinária. Dos 3280 novos profissionais registrados naquele ano, 1754 eram mulheres e 1526 eram homens (MOLTER, 2018).

Em 2018 as mulheres eram um pouco mais da metade dos profissionais registrados no país. Dos 124.253 inscritos e atuantes no Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), 62.527 são do sexo feminino e a maioria atua em São Paulo, estado brasileiro com 20 mil médicas-veterinárias (CFMV, 2018).

### **Engenharia Agrônômica**

Ainda que a profissão de engenheira agrônoma seja considerada, em sua maior parte, masculina, as mulheres vêm se mostrando cada vez mais atuantes nessa área de trabalho e vem, de forma gradativa, rompendo com esse preconceito (MELLO, s/d).

Conforme dados do sistema Confea-Crea divulgados pela Agência Brasil, dos 173.907 registros em todo o País, há apenas 34.774 engenheiras agrônomas — a proporção de mulheres é de apenas 19,9%. na engenharia agrônômica, sua participação é menor. Uma possível justificativa para essa pouca presença de engenheiras agrônomas no Brasil, pode ser pela pouca presença feminina na área tecnológica em geral — observa-se a mesma desigualdade de gêneros em outras engenharias, como civil, elétrica ou mecânica. MORAES e CRUZ (2018) apontam para as dificuldades de consolidação da mulher na Agronomia, o que perpassa pela não aceitação familiar, pela resistência dos colegas e por questões da cultura machista.

## **3. Metodologia**

### **3.1 Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa utilizou para estudo uma abordagem qualitativa, utilizando o método “bola de neve”. a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1999).

### **3.2 Técnica de Coleta de Dados**

Segundo Vinuto, (2014) se constrói da seguinte maneira a execução da amostragem em bola de neve: lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Então as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente.

Para Bernard (2005), para estudar populações de difíceis acessos ou que ainda não há precisão sobre sua quantidade, esta técnica se torna uma metodologia de rede útil. Como técnicas de coleta de dados foi aplicado um questionário estruturado, feito pelos próprios autores e contendo 17 perguntas ao qual foi disseminado em plataforma online, Whatsapp, por meio de um formulário foi feito no Google Forms, sendo a coleta de dados no mês de agosto de 2020.

Para escolha da população participante, teve-se, como critério de inclusão, ser do sexo feminino, ter 18 anos ou mais, cursar Agronomia, Engenharia Civil ou Medicina Veterinária na faculdade em estudo. Como critério de exclusão, não ser do sexo feminino, ter idade inferior a 18 anos e não cursar Agronomia, Engenharia Civil ou Medicina Veterinária na faculdade em estudo. Foi disponibilizado o questionário em forma de link para que assim comesse a ser disseminado as “sementes” da amostragem, essas sementes foram pessoas do círculo de convívio social dos pesquisadores, Cinquenta (50) pessoas participaram da pesquisa. A coleta de dados aconteceu entre dezembro de 2019 a fevereiro de 2020.

Para questões éticas sobre anonimato, confidencialidade das informações discorridas e aspectos de voluntariedade, foi solicitado antes da realização da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) online, a assinatura dos participantes para assegurar autorização e participação.

Juntamente ao questionário enviado se encontrava um termo de consentimento que assegurou aos entrevistados seus direitos e a total liberdade de não responder caso se sentisse ofendido ou prejudicado.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O questionário aplicado possuía 17 perguntas e foi respondido por 50 pessoas do sexo feminino com idades entre 20 e 38 anos. Em relação ao curso de graduação 34,7% das pesquisadas cursam agronomia, 32,7% engenharia civil e 32,7% medicina veterinária. Quando questionadas sobre a presença da mulher nos cursos de agronomia, engenharia civil e medicina veterinária, 62% definiu como boa, 22% como ruim e 16% como ótima. Porém, indagadas se nas suas respectivas turmas tem mais pessoas do sexo feminino ou do sexo masculino, 68% afirmaram que a presença de pessoas do sexo masculino é superior a presença de pessoas do sexo feminino.

Dados do Censo da Educação Superior de 2016, última edição do levantamento, mostram que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação, mostrando assim que as mulheres são maioria dos cursos superiores (INEP, 2018).

Apesar disso, Segundo Queiroz, Carvalho e Moreira, (2014) apud Morais (2016) os dados divulgados em 2011, pelo INEP, revelam que as mulheres estão matriculadas, em sua maioria, em cursos das Ciências Sociais, Humanas e Saúde, e os homens, quase exclusivamente, nas Ciências Exatas e Tecnologias, historicamente as que apresentam mais prestígio social e salários superiores. Nos cursos relacionados a ciências e a engenharia, em especial engenharia existe um desequilíbrio mais acentuado: dos 81.194 estudantes que se formaram em 2015 no país, 29,3% são do sexo feminino e 70,7%, do masculino (INEP, 2018).

Segundo Fortino (2009) Mesmo as mulheres sendo a maioria na educação superior, essa representação quantitativa, não indica uma igualdade entre os gêneros. Existe-se ainda a chamada “divisão sexual do trabalho”, ao qual pode ser percebida em relação a cargos e salários inferiores, desrespeito e falta de credibilidade com à força de trabalho feminina.

No questionaria uma das perguntas era “Pode-se dizer que para as mulheres ainda é mais difícil subir na carreira do que para os homens?”, 62% responderam que “sim”, 22% responderam “talvez” e 16% responderam “não”.

Segundo, SARDENBERG e COSTA (2002) existe uma maior concentração de pessoas do sexo feminina nas áreas humanas, sendo que, em ciências biológicas e da saúde, existe uma igualdade com os homens. Enquanto nas áreas tecnológica, mais especificamente na engenharia, a predominância é masculina. Essa

desigualdade entre os gêneros muitas vezes é explicada por considerarem uma adaptação natural dos homens às ciências exatas, enquanto a área de humanas seria mais facilmente assumida pelas mulheres (LOMBARDI, 2005).

Em relação as dificuldades que as pesquisadas encontram no seu curso em relação a gênero as frases que mais apareceram foram: “Preconceito por ser uma profissão masculina como a maioria acham, que as meninas são todas ‘maria macho’, ‘maria botina’”, “preconceito por ser mulher”, “Empresas priorizam o sexo masculino para vagas”, “Credibilidade em ter capacidade física e até mesmo capacidade de inteligência em relação aos homens”, “se fazer presente em um cenário patriarcal”, “os homens acham que sabem mais que as mulheres simplesmente por causa do gênero”, “o fato das mulheres serem menosprezadas durante o curso e no mercado de trabalho”, entre outras frases, que demonstram a discriminação de gênero que tais mulheres percebem durante a graduação e também no mercado de trabalho, onde adentram posteriormente.

Outra questão levantada com o questionário foi a respeito das principais barreiras encontradas para a entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho ao qual obtivemos respostas como: “justamente por ser mulher, a maioria das empresas preferem homens , outro motivo é gravidez”, “É um ramo onde supervalorizam o homem, pra ser reconhecida e permanecer no mercado terei que ser extraordinária, me esforçar muito mais, o que muitas vezes não é cobrado de um homem, pra um homem ser contratado na maioria das vezes o básico basta. A desigualdade de gênero para lidar principalmente com as coisas do campo é exorbitante, salários desiguais, oportunidades distintas, reconhecimento nada fidedigno a carreira, muitas vezes ligados a apadrinhamento”, “A discriminação das empresas com as mulheres”, “A discriminação das empresas com as mulheres”, “Salários desiguais”, “A parte onde ainda a mulher é vista como insuficiente perante ao homem para poder fazer extencionismo rural, ter o primeiro contato junto ao homem do campo. Pois acaba desmerecendo a mulher, ou ainda sendo assediada ou considerada sem poder de opinião.”

Para Lombardi (2005) na engenharia vem ocorrendo um aumento da atividade feminina, que tem se tornado menos heterogenia, não mais se restringindo apenas para pessoas do sexo masculino.

Entretanto ALVES (2018) diz que a falta de engenheiras no mercado de tem raiz ainda na graduação. Segundo o Censo 2011 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) as mulheres representavam 19% do número total de matrículas nos cursos de Engenharia no ano 2000, já em 2011, a taxa subiu para 30%. Mesmo com o crescimento da presença feminina, o número ainda é baixo, já que os homens preenchem 70% das vagas nos cursos de Engenharia (ALVES, 2018).

Segundo dados fornecidos pelo Conselho Federal de Engenharia e Agronomia - CONFEA, em 2017, o percentual da participação das mulheres na engenharia é de 17%, contrapondo 84% da participação masculina, o que reafirma o estigma de que a Engenharia é espaço profissional majoritariamente masculino no Brasil (OLIVEIRA, 2017).

De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais - RAIS do ano de 2006, dos 15120 agrônomos registrados nas bases de dados do Ministério do Trabalho e Emprego, 12866 eram homens e 2254 eram mulheres (MARQUES, 2019).

Segundo uma reportagem do “Globo Rural” uma pesquisa feita em fevereiro de 2020 pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) mostrou que a presença da mulher no mercado de trabalho agropecuário brasileiro aumentou em 2019 (TAGUCHI, 2020). Porém para MARQUES, *et al.*(2017) somente 28% dos estudantes de agronomia no Brasil em 2013 eram mulheres.

Em 2001, pela primeira vez, se formaram mais mulheres do que homens nos cursos de Medicina Veterinária. Dos 3280 novos profissionais registrados naquele ano, 1754 eram mulheres e 1526 eram homens (MOLTER, 2018).

Em 2018 as mulheres eram um pouco mais da metade dos profissionais registrados no país. Dos 124.253 inscritos e atuantes no Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), 62.527 são do sexo feminino e a maioria atua em São Paulo, estado brasileiro com 20 mil médicas-veterinárias (CFMV, 2018).

Segundo um estudo feito pela *Lancaster University Management School* e pela *Open University Business School*, no Reino Unido, e publicado na revista científica *Veterinary Record*, em 2019, mostrou que as medicas veterinárias encaram discriminação e ocupam menos cargos de topo na medicina veterinária (COSTA, 2020).

De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) apud PRONI e PRONI (2018)., do Ministério do Trabalho e Emprego, a participação feminina no total dos empregos formais aumentou de 33,9%, em 1988, para 36,9%, em 1994, e 39,1%, em 1999. Na década seguinte houve uma desaceleração, mas a taxa seguiu aumentando: 40,0% em 2004 e 41,4% em 2009. Em 2015, a força de trabalho feminina correspondia a 43,7% dos empregos formais no País.

SGARBIERI (2006) apud PRONI e PRONI, (2018) nos diz que no atualmente no ambiente profissional a mulher se encontra presente em quase todas as profissões, em algumas como engenharia civil, transporte público, na carreira militar e muitas outras profissões que eram destinadas, principalmente para homens. A imagem da mulher foi reconfigurada e passou a ser mais valorizada na construção de sua carreira profissional. Nota-se ainda que cada vez mais as mulheres estão conquistando maior respeito profissional e alcançando cargos de lideranças e comando, ainda que a presença masculina é predominante nas diretorias das empresas e em funções gerenciais, principalmente no setor privado.

Segundo PRONI e PRONI (2018), a discriminação vem gerando condições desiguais, apesar de muitas mulheres ocuparem profissões de alta qualificação e status sociais. A classe feminina ainda enfrenta dificuldades que são consideradas invisíveis, os chamados “teto de vidro”, que resultam em conflitos para as mulheres exercerem cargos de destaques e de maior responsabilidade, mesmo com as conquistas históricas do movimento feminista. Essa dificuldade se relacionada com a necessidade de conciliar vida profissional e vida familiar.

Em relação a desigualdade salarial, Bruschini e Puppini (2004) apud Silva; Carvalho; Silva, (2017) afirmam que no Brasil mulheres ganham menos que os homens, ainda que exercem a mesma função, em média, o correspondente a 71% do salário dos homens. Essa diferença é mais patente nas funções menos qualificadas. No topo, elas quase alcançam os homens.

Em 2013 foi publicado um estudo que mostrou que nos Estados Unidos existe uma grande diferença entre os salários pagos aos médicos veterinários e aqueles pagos às médicas veterinárias empregados tanto no setor público como no setor privado. O público feminino ganham, em média, 24 mil dólares/ano menos que os o público masculino.( TANCIONI, GODOY, 2019)

No setor da Engenharia, as mulheres ainda sofrem com a jornada dupla e a desigualdade salarial, isso quando são empregadas. Em relação ao rendimento, mesmo elas ocupando o mesmo cargo e tendo a mesma formação, as engenheiras, ganham bem menos que os engenheiros, ganham o equivalente a 82,1% dos homens. (SENGE-PR, 2020).

Quando questionados sobre a tratamento igualitário para mulheres e homens pelo os professores dentro do contexto do curso, 66% responderam “sim”, 24% “talvez” e 10% “não”. Já em relação a pensar em desistir do curso devido a alguma discriminação sofrida por ser mulher e está cursando tal curso, 16% responderam que já pensaram em desistir. E por fim 8% das pesquisadas responderam não ter apoio familiar para realizarem a graduação em seu respectivo curso, o que podemos associar a uma resposta de uma das participantes da pesquisa, que ao ser indagada sobre a maior dificuldade que encontra no curso em relação ao gênero, respondeu “A discriminação no curso por ser mulher por parte de parentes e amigos”, mostrando assim que essa forma de preconceito acaba estando presente em diversos setores da sociedade.

## **5. Considerações Finais**

A pesquisa possibilitou analisar como a presença feminina é vista nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Agrônômica e Medicina Veterinária de uma instituição de ensino superior privada da zona mata mineira na percepção do corpo discente. Através do questionário estruturado, disseminado em plataforma online (Whatsapp), conseguimos mostrar que a presença feminina através da percepção do corpo discente é definida, em sua maioria como “boa”, seguida da resposta “ruim” e “ótima”.

Vivemos em uma sociedade marcada pelo machismo e pelo patriarcado, que muitas das vezes passam como “normais” em nosso cotidiano e acabam sendo disseminados até nas “piadinhas” consideradas “inofensivas” como “Lugar de Mulher é na Cozinha”, “Você nunca vai conseguir um boy agindo assim”, “Isso é coisa de Mulherzinha”, entre outras. Porém atualmente, movimentos em prol da liberdade da mulher em diversas áreas vem acontecendo para mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser, que ela tem o direito de escolher se quer, casar, ter filhos e não se sentir

“obrigada” pela sociedade para tal. Movimentos esses que mostram que as mulheres tem os mesmos direitos que os homens em exercer as mais variadas profissões e não serem desvalorizadas ganhando menos que o público masculino.

Portanto, que todas mulheres nunca se esqueçam que são donas de suas vidas e das escolhas que querem para si, que lutem ao máximo para cursarem os cursos que realmente se identificam e não deixem estigmas e papéis que foram definidos anos atrás ditarem quais profissões elas devem ou não seguir, que sempre busquem uma igualdade de gênero na sociedade como um todo, mostrando que são capazes de estar nos mesmos (ou até melhores) cargos e posições que os homens estão procurando sempre o respeito com as quais merecem ser tratadas, afinal, como diz a cantora norte americana e ícone feminista, Beyoncé “Who run the world? Girl!” ou seja “Quem domina o mundo? As Garotas!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Juliana de Souza. **A inserção feminina no mercado de trabalho na área da engenharia elétrica e mecânica em Santa Catarina**. Lages, 2018. Disponível em: [https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/c7641-14\\_juliana\\_alves.pdf](https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/c7641-14_juliana_alves.pdf). Acesso em: 10.Set. 2020

Assessoria de Comunicação do CFMV. Parabéns aos médicos-veterinários brasileiros. **CRMV-AL Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Alagoas. Alagoas, 2018. Disponível em:** <http://www.crmv-al.org.br/site/mostraconteudo.aspx?c=600#:~:text=Dos%20124.253%20inscritos%20e%20atuantes,com%2020%20mil%20m%C3%A9dicas%20veterin%C3%A1rias>. Acesso em: 10.jul. 2020

COSTA, Ana Rita. Discriminação de gênero na Veterinária?” Se nós mesmas fizermos disso um caso, ela existe”. **Revista Veterinária atual**. 2020. Disponível em: <https://www.veterinaria-atual.pt/destaques/discriminacao-de-genero-na-veterinaria-se-nos-mesmas-fizermos-disso-um-caso-ela-existe/>. Acesso em: 10.jul. 2020

FORTINO, Sabine. Coexistência dos sexos. In: HIRATA. *et al*. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod\\_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario%20critico%20do%20feminismo%202009.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario%20critico%20do%20feminismo%202009.pdf). Acesso em: 09.set.2020

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** / - 8ª ed. - Rio de Janeiro: **Record**, 2004.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino.

**Hist. cienc. saude**-Manguinhos, Rio de Janeiro , v. 15, supl. p. 117-132, 2008 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702008000500006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 07 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000500006>.

HEY, Ivo Ricardo; CASTRO, Jessica de; MOROZINI, João Francisco; KUHL, Marcos Roberto. Fatores que Influenciam na Escolha do Acadêmico pelo Curso de Ciências Contábeis: Um Estudo Quantitativo Aplicado aos Acadêmicos de uma Universidade Estadual do Paraná. **Universidade de Santa Catarina**. 2015. Disponível em: <[http://dvl.ccn.ufsc.br/10congresso/anais/6CCF/136\\_17.pdf](http://dvl.ccn.ufsc.br/10congresso/anais/6CCF/136_17.pdf)> Acesso em: 09. Jul. 2020

INEP. **Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira**. Mar. 2018. Disp. em [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206#:~:text=Dados%20do%20Censo%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o,matriculados%20em%20cursos%20de%20gradua%C3%A7%C3%A3o](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206#:~:text=Dados%20do%20Censo%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o,matriculados%20em%20cursos%20de%20gradua%C3%A7%C3%A3o). Acesso em 07 Set. 2020

LEMOS, Caioá Geraiges de. *et al.* Carreira profissional e relações de gênero: um estudo comparativo em estudantes universitários. **Bol. Psicol.** São Paulo, v. 55, n. 123, p. 129-148, dez. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432005000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em: 09. jul. 2020.

LOMBARDI, Maria Rosa. A engenharia brasileira contemporânea e a contribuição das mulheres nas mudanças recentes do campo profissional. **Revista tecnologia e sociedade**. V. 2, n. 2. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2467/1586>. Acesso em: 08.jul. 2020.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e resistência: a Engenharia como profissão feminina**. 2005. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 2005.

MARTINS, Felipe dos Santos; MACHADO, Danielle Carusi. Uma análise da escolha do curso superior no Brasil. **Rev. bras. estud. popul.** São Paulo, v. 35, n. 1, e0056, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982018000100155&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982018000100155&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 09 de julho de 2020. Epub 03 de dezembro de 2018. Acesso em: 09 Jul 2020.

MARQUES, Rogério dos Santos Bueno. Engenharia e ambiente rural: o gênero na agronomia. **Associativismo, profissões e políticas públicas - III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero**. Goiás, 2019. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/ROG\\_\\_RIO.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/245/o/ROG__RIO.pdf). Acesso em:

MELLO, Bernardo de. Os desafios e oportunidades para as mulheres na agronomia. **Centro Universitário Católico do Tocantins**. Tocantins. Disponível em:

<https://inscricao.to.catolica.edu.br/blog/desafios-oportunidades-mulher-na-agronomia>. Acesso em: 10.jul. 2020

MOLTER, Vinicius, 2018. Presença feminina: O mercado de trabalho para Medicas Veterinárias. **Guia do Medico Veterinário**. 2018. Disponível em: <http://guiadoveterinario.com.br/presenca-feminina-o-mercado-de-trabalho-para-medicaveterinarias/#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20dados,de%20todos%20os%20profissionais%20registrados>. Acesso em: 10.jul. 2020

MORAES, Adriana Zomer de. **Relações de gênero e a formação de engenheiras e engenheiros**. Tubarão, 2016. Disponível em: [https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/3187/112206\\_Adriana.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/3187/112206_Adriana.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 08.jul. 2020.

MORAES, Adriana Zomer De; CRUZ, Tânia Mara. Estudantes de engenharia: entre o empoderamento e o binarismo de gênero. **Cad. Pesquisa.**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 572-598, jun, 2018. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742018000200572&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000200572&lng=en&nrm=iso)>. access on 07 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/198053145159>.

OLIVEIRA, Helvio Frank. Indivíduos do sexo masculino no curso de letras: performances discursivas, gênero e profissão docente. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 552-569, dez. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-66812016000300552&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812016000300552&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em: 09 jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s2176-6681/287336091>.

OLIVEIRA, Camila Lima Chaves. MULHERES NA ENGENHARIA BRASILEIRA: REPRESENTATIVIDADE, DIFICULDADES E DESAFIOS. In: **ENCONTRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA- "A MATEMÁTICA ESTÁ EM TUDO"**, 4., 2017, Porto Velho. Anais... . Porto Velho: Faro, 2017. p. 1 - 10.

PRONI, T. T. da R. W; PRONI, M. W. **Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil**. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 1-21, 13 abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v26n1/1806-9584-ref-26-01-e41780.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2020.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. **Raça, Gênero e Educação Superior**. Orientador Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. 320p. Tese Doutorado em Educação. UFBA, Salvador, 2001. Disp.: [http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/deocele\\_mascarenhas\\_queiroz.pdf](http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/deocele_mascarenhas_queiroz.pdf)>. Acesso em 07 set 2020.

RICOLDI, Arlene; ARTES, Amélia. Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. *Exaequo*, Lisboa, n. 33, p. 149-161, jun. 2016.

Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602016000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602016000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 07 set. 2020.

SADENBERG, C. M. B; COSTA, A. A. A. (Orgs). Feminismo, ciências e tecnologia. Salvador, REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, p.11-21, 2002.

SENEGE-PR. **Engenheiras Recebem o Equivalente a 82,1% do Rendimento dos homens.** In <http://www.senge-pr.org.br/noticia/engenheiras-recebem-o-equivalente-a-821-do-rendimento-dos-homens/> .Mar. 2020. Acesso em 08 set. 2020.

SILVA, C. R. R. da; CARVALHO, P. M. de; SILVA, E. L. da. LIDERANÇA FEMININA: A IMAGEM DA MULHER ATUAL NO MERCADO CORPORATIVO DAS ORGANIZAÇÕES BRASILEIRAS. In: **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, Ano 7, número 25, 2017. Disponível em: [http://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170509163857.pdf](http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509163857.pdf) . Acesso em: 09.Set.2020

TAGUCHI, Viviane. Faltam engenheiras agrônomas no mercado de trabalho, aponta *head-hunter*. In: **Globo Rural**. Editora Globo, 2020. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agro-E-Delas/noticia/2020/03/faltam-engenheiras-agronomas-no-mercado-de-trabalho-aponta-head-hunter.html>. Acesso em: 10.Set. 2020..

TANCIONI, Isabelle. GODOY, Silvia Neri. **Desigualdade Salarial entre Homens e Mulheres na Veterinária.** In <https://vegvet.com/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-na-veterinaria/#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20de%20mulheres%20atuantes,de%20m%C3%A9dicos%20veterin%C3%A1rios%2C%20no%20Brasil>. Acesso em 10.Set.2020.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, Campinas, v. 22. N. 44. p. 203-220, 2014. 2014. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/cd8e/3ecb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456.pdf> . Acesso em: 10. Set. 2020